
RESENHA CRÍTICA DA TESE DE DOUTORADO “NHEMBO’E. ENQUANTO O ENCANTO PERMANECE! PROCESSOS E PRÁTICAS DE ESCOLARIZAÇÃO NAS ALDEIAS GUARANI”, DE MARIA APARECIDA BERGAMASCHI

Angela Maria Araújo Leite¹

Bergamaschi, Maria Aparecida. **Nhembo’e. Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani.** Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

Há nos preceitos educacionais da cosmologia Guarani um admirável mundo a ser desvendado, em que os significados de cada gesto, de cada ação mostram a integridade de um povo que sobrevive e se recria. (Bergamaschi, 2005)

A epígrafe acima marca o início da Tese de Maria Aparecida Bergamaschi, defendida no doutoramento da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, no ano de 2005. O trabalho em tela além de uma análise acadêmica, também é reflexo de anos de estudo e de “com viver”, como proposta metodológica de pesquisa, com povos indígenas, especialmente o povo Guarani.

O “com viver” possibilitou novos olhares para a professora e pesquisadora. Até então, seu foco estava direcionado para história da educação, ensino de história e memória, com profícua produção acadêmica na graduação e na pós-graduação. As inquietações surgem com as abordagens existentes, a partir de um olhar limitado sobre os povos indígenas, enquanto seres do passado e de uma educação jesuítica e cristianizadora. O encontro com os povos indígenas aguçou ainda mais a sensibilidade de compreender o outro. Mergulha na cosmologia dos povos indígenas e passa a coordenar diversos projetos ligados a educação escolar indígena, desde práticas escolares em aldeias até a atuação de estudantes indígenas na produção acadêmica. Em 2014 passa a coordenar a Ação Saberes Indígenas na Escola –

¹ Doutoranda pela Faculdade de Educação – FACED/UFRGS. Professora da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL e Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares e Educação - NEISE. angeleite@bol.com.br

núcleo UFRGS, um projeto que atua com a formação de professores indígenas. Publicou dezenas de artigos com a temática, incluindo a organização de livros.

Vem orientando dissertações e teses no Programa em que defendeu sua própria tese, aqui em resenha, especialmente com a titulação de mestres e doutores indígenas, sob sua orientação. Lidera o grupo de pesquisa “Peabiru: Educação ameríndia e interculturalidade”², ligado ao CNPq. O currículo da autora corrobora com a dedicação em transformar a fala do indígena em caminhos para conhecer seu mundo, sem a pretensão de mudá-lo, mas em experienciar o que lhe for permitido.

A tese intitulada *Nhembo´e: enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani*, apresenta uma linguagem poética que flui como uma literatura apaixonante, de fácil compreensão, sem abandonar o rigor teórico. Um movimento que Guerrero Arias (2010) descreve como a “la fuerza cultural de las emociones, con ellas y desde ellas, que se tejen los sentidos de la alteridade y la existencia, el encuentro o desencuentro con los otros, con la diversidad y la diferencia”. Essa sensibilidade, no respeitoso encontro entre mundos, resultou na premiação de melhor tese na área de Educação no ano de 2005, pela Capes.

Dialoga especialmente com autores da antropologia, filosofia e história, a exemplo de Rodolfo Kusch, Heidegger, George Balandier, Michel Maffesoli, Michel de Certeau, Bartolomeu Meliá e Graciela Chamorro, seus principais interlocutores teóricos. Pesquisa de base etnográfica, histórica e antropológica, que trata sobre o encontro de cosmologias a partir de uma perspectiva teórica e metodológica denominada pela autora como o “estar-juntos”.

Inicia a tese com um belíssimo glossário de palavras e expressões Guarani que, segundo a autora, é fruto do seu entendimento, da convivência com o povo Guarani e de pesquisas, durante seu doutoramento. Essa preocupação com a compreensão e expressão do

² “Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade surge de pesquisas e reflexões realizadas desde o início dos anos 2000 e tem como tema a educação indígena e suas epistemologias, a escola e as relações interculturais entre diferentes povos e coletivos, indígenas e não indígenas. Os participantes do grupo atuam de forma colaborativa em escolas e terras indígenas, nos programas de ingresso e permanência de estudantes indígenas na universidade (graduação e pós-graduação), na formação de professores indígenas (Programa Saberes Indígenas na Escola) e não indígenas (PIBID, GT 26a). Estudantes desenvolvem trabalhos de iniciação científica, realizam teses e dissertações. Os conhecimentos produzidos sobre epistemologias e educação ameríndia e educação intercultural contribuem para qualificar a educação escolar indígena e a educação das relações étnico-raciais (Lei nº 11.645/2008), desdobrados em artigos, livros, comunicações científicas e cursos, efetivando a interculturalidade e a interciência.” Disponível em: < <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/4335729712724714>>. Acesso em 30 set. 2018.

Teko³ Guarani demonstra respeito aos atores pesquisados. Nesse sentido, apresenta o Tekoá Anhetenguá, Aldeia Lomba do Pinheiro, Tekoá Jataity, Aldeia do Cantagalo, Tekoá Igua Porã, Aldeia da Pacheca e de Rodrigo Venzon Juruá, coordenador do setor de educação indígena da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, que denomina de atores e autores da pesquisa, expressando a coletividade que há no tecer de suas palavras.

Ao “tecer” sua tese, como a autora referencia em sua escrita, vai construindo o cenário que caracteriza o cotidiano da vida nas aldeias, através de uma perspectiva metodológica do “estar juntos” e sobre a qual embasa sua etnografia da vida e da escola Guarani. O estar-juntos que se entrelaça num com-viver metodologicamente harmônico, registrado em imagens etnográficas sobre o modo de enxergar o outro.

A tese é composta por três partes. “Movimentos de aproximação e de constituição do Com-Viver” é o título do primeiro capítulo, descrito como o com-viver com os Guarani e onde Bergamaschi fala de um encontro, de uma proximidade necessária para compreender a cosmologia do povo, através do qual compreende o falar e o modo de sentir Guarani. Percebe-se a construção de uma intimidade entre a pesquisadora e o mundo que a cerca. Ao pesquisar, assim, registra as complexidades cosmológicas existente entre os mundos do não indígena e do indígena.

Bergamaschi mergulha no modo de vida Guarani para compreender os processos e práticas escolares. Escuta-os! Nesse escutar, que procura traçar a história de uma escola indígena marcada pela catequese e por interesses coloniais, mas não apenas essa, especialmente busca visibilizar a escola que o Guarani deseja para seu povo, ou até mesmo a que rejeita. Uma questão de sensibilidade, de compreender o significado que a escola representa para cada Teko Guarani, num aprofundamento teórico afetivo.

Abordando Rodolfo Kusch caracteriza a América mestiça, a partir de uma cultura pré-colombiana, fagocitada, a que exala um “fedor” que contrasta com a pretensa pureza europeia. Para a autora (p.39), “deparar com isso nos afeta e aflora o medo de assumir as marcas indígenas que produziu nossas identidades americanas. Talvez isso explique a dificuldade do encontro, de dirigir o olhar sem julgamento, de não ver o que falta, mas olhar o que é”.

³ Segundo o glossário apresentado por Bargamaschi Teko revela, explica e regula todos os aspectos da existência, também expresso como “modo de ser Guarani”, “sistema Guarani”. A vida Guarani existe como TEKÓ.

Busca aporte em Balandier (1977) para adotar o que chama de contorno antropológico, que não se detém a um único “universo”, mas que possibilita “estradas a percorrer”, com caminhos que fora desconhecido da autora, mas os quais vai percorrendo, delineando um novo olhar a partir de uma construção coletiva.

Cada tekoá é apresentada de acordo com a percepção da pesquisadora, descrita em seu diário de campo: Iguaporã, Jataíty e Anhetenguá. Sensivelmente, as relações vão sendo postas, o olhar, o brincar, o comer, o silêncio. O modo de vida que se diferencia através do maior ou menor contato com a sociedade não indígena, a proximidade da cidade ou a escassez da mata, o perceber do modo de ser Guarani em cada Teko. A pesquisadora afirma que vai sendo “encharcada” pela vida Guarani, testemunhado por seu diário de campo, rico em relatos. Vai traçando uma cartografia, com olhares de dentro e de fora, “como processualidade que, enquanto demarca, enquanto desenha uma trajetória, nela intervém, mudando a paisagem” (p.60).

O capítulo “As aldeias: a potência Guarani em seu solo” trata sobre a Cosmologia e a História Guarani, através do tempo, do espaço e da memória e o Nhande Reko⁴ Guarani. Vai tecendo “às avessas”, termo utilizado pela pesquisadora ao falar sobre os encontros com o mundo Guarani fora da aldeia.

A discussão sobre a histórica invisibilidade dos povos indígenas é tratada sob a perspectiva kushiana de uma tentativa de exorcizar a presença do indígena da nossa história oficial, da constituição de uma América mestiça e suja, contrapondo-se a uma auto imagem europeia, limpa e pura.

Bargamaschi discute os conflitos e perdas advindos de um contato entre os que estão imbuídos de um pensamento ocidental e as pretensas soluções oferecidas aos indígenas sem levar em consideração seu pensamento e o seu modo de ser. Caminha ainda sobre a territorialidade do povo Guarani e de sua Busca da Terra Sem Mal, movimento místico e mítico, segundo a autora. Tal busca é responsável pelos processos migratórios ao longo da história e que atualmente é caracterizado na luta pela terra, onde possa encontrar os elementos essenciais para viver o Nhande Reko⁵. Tal busca é responsável pelos processos migratórios ao longo da história e que atualmente é caracterizado na luta pela terra, onde possa encontrar os elementos essenciais para viver o Nhande Reko.

⁴ Modo de ser.

⁵ O modo de ser Guarani.

Segundo a autora, mesmo com as tentativas de salvação empunhadas pelos Jesuítas, o modo de vida Guarani causava admiração e que sua conversão se deu de modo aparente, pois os mesmos não abandonaram suas crenças e rituais ancestrais, apesar do profundo impacto causado pelas reduções⁶.

Ao tratar sobre a Cosmologia Guarani e sobre o entendimento de uma religiosidade, descreve o modo superficial com que o europeu marcou seu encontro com os povos indígenas e dá ouvidos ao indígena para expressar a sua ligação xamânica com o sagrado. Discute ainda sobre a importância da palavra ou da palavra-alma, numa concepção divina sobre o poder que a palavra representa para o Guarani. Da mesma forma, trata sobre a dualidade da alma, afirmando, a partir do povo Guarani, que essa dualidade é composta por uma palavra-alma que é sagrada e uma alma telúrica ou animal, sendo esta a representação da imperfeição do ser. É a partir dessa Cosmologia Guarani que a autora reforça a importância da educação tradicional que fundamenta o “estar sendo” Guarani.

Nesse sentido, busca apresentar o significado da educação para o povo Guarani, num processo autônomo sobre o aprender com o coração, observando e experimentando, recebendo revelação, crescendo e se relacionando em sua própria cultura, mantendo uma tradição. As abordagens refletem as realidades de proximidade e/ou de distância das cidades, entre a mata e o concreto. São as Tekoá Anhetengúá, Aldeia Lomba do Pinheiro, Tekoá Jataity, Aldeia do Cantagalo, Tekoá Igua Porã, Aldeia da Pacheca.

O tratamento adotado pelos indígenas em relação a outro povo é de “parente”, diferenciando-os dos brancos, caracterizando uma junção de forças e autoafirmação. A autora busca aporte em Bengoa (2000), para discutir sobre a importância da afirmação étnica latino americana para construção de uma unidade indígena “através de uma atitude política que busca na ancestralidade, nos fios da tradição que tecem o presente, a inspiração e as ferramentas para constituírem espaços de vida e ampliar seus direitos frente ao mundo ocidental”(p. 111).

A terceira parte, denominada de Histórias e Memórias dos Processos de Escolarização dos Indígenas e dos Guarani tem início com a fala de um cacique sobre a escola que a aldeia pretendia e, a partir daí, traça um marco temporal histórico sobre a criação da escola, concebida sob a égide de uma cosmologia ocidental moderna, gestada na Europa e

⁶ Aldeamentos indígenas ou missões, sob o comando dos padres Jesuítas, para evangelizar os índios.

introduzida na América, a qual terá como objetivo específico catequizar os povos nativos. Assim traçará as características da escola destinada aos indígenas, desde a colonização, passando pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI, pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI e toda a luta até a promulgação da Constituição Federal (1988) e o processo educacional decorrente dos direitos conquistados pelos povos indígenas. Assim, “os processos educacionais próprios da tradição de cada povo indígena foram rechaçados, empurrado para o subterrâneo, a fim de dar lugar a uma compreensão de educação que se reduz à catequese e à educação escolar”(p.175).

Construir uma escola diferenciada, bilingue e que atenda aos direitos dos povos indígenas tem como consequência, na visão da autora, uma série de questionamentos realizados pelos líderes do povo Guarani. Relatos de professores indígenas, lideranças, registro de reuniões e relatórios são apresentados para compreender o significado e a necessidade (ou não) de uma escola nas aldeias pesquisadas.

A oralidade e a escrita são apresentadas, expressando as emoções que são extraídas nos relatos e nas vivências. Bergamaschi afirma que para os Guarani “a palavra é sagrada, é o sopro do coração, diferente da intelectualização que a escrita sugere para a vida no ocidente” (p; 199).

Para que serve a instituição escolar em uma aldeia? Diversos questionamentos vão sendo desvelados sem, contudo, significar avanços ou retrocessos, posicionamentos hierárquicos. É apenas necessidade, curiosidade ou prazer. Para os Guarani a escola “é uma ponte entre dois mundos” (217).

Observamos que as políticas públicas são reveladoras do descaso com que a escola indígena é tratada. A ponte entre dois mundos, vista pelos Guarani, faz da escola um espaço de interlocução e também de um querer diferenciado, de uma escola diferenciada, descrita por Bergamaschi entre relatos, reflexões e ações do poder público Sul riograndense.

A sensibilidade do estar junto, olha, sente, escuta e transforma em palavras escritas o que lhe é confiado é a marca da tese de Bergamaschi. Como bem colocou no início do seu trabalho, são autores e atores, presentes e atuantes que caracterizarão a sua escrita. Processos e práticas de escolarização são específicas em cada Tekoá Guarani. A autora problematiza o querer e o não querer, contradições tão bem expressas no título, que revelam as ambiguidades nas quais os Guarani exercitam sua autonomia e pensamento em relação à escola.

Bergamaschi conclui que a escola se faz diferente “quando é apropriada, fagocitada, resignificada pelas pessoas que as fazem na aldeia”. Uma escola caracterizada pelas “incertezas, indeterminações e imprecisões”, que sabe lidar com o improvável. Tornando-se viva a partir da relação ordem e desordem.

Sendo a obra de base etnográfica, histórica e antropológica numa perspectiva do estar juntos e do encontro entre mundos, compreendemos a relevância da tese e do papel atemporal dessa escrita, sendo de interesse de pesquisadores e estudantes que trabalham com a temática indígena. Vai além! Compreender os caminhos e a importância de dar ouvidos ao que o outro tem a dizer é papel de todo pesquisador.

É imprescindível conhecermos a forma com que a autora vai tecendo as palavras com a linha dos sentimentos, percorrendo com o que Guerreiros Arias (2012) chama de “corazonar” sem negar a epistemologia, “sino de corazonarla, darle el calor de la ternura, para superar esa fría razón sin alma y construir un conocimiento que tenga el calor y la poética de la vida, y haga de esta el horizonte de su praxis teórica, metodológica, de su ética y política.

REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. **O Contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1977.

GUERRERO ARIAS, Patricio. **Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia** (Primeira parte) Calle14: revista de investigación en el campo del arte, vol. 4, núm. 5, juliodiciembre, 2010, pp. 80-94. Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá, Colombia.

_____. **Corazonar desde el calor de las sabidurías insurgentes, la frialdad de la teoría y la metodología**. Sophia: Colección de Filosofía de la Educación: Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, n. 13, p. 199-228, 2012.